

(Cultura Popular/Tradicional e Periférica)

Periferia, racialidade, arte e saúde: A produção de vida na encruzilhada

Ana Beatriz Francisco de Melo ¹
Sonia Regina Vargas Mansano²

1. INTRODUÇÃO

A vida na periferia das cidades brasileiras coloca desafios que são enfrentados todos os dias por seus moradores. Questões como violência, discriminação e exclusão social fazem parte do cotidiano de jovens que, das mais variadas maneiras, precisam enfrentar adversidades que emergem a todo momento. Atendo a isso, o presente estudo teórico teve por objetivo compreender as intersecções entre periferia, racialidade, arte e saúde, bem como as complexidades que as envolvem.

Para dar concretude a essa problematização o estudo seguiu uma trajetória teórica que abordou três temáticas: as dimensões sociopolíticas do sofrimento psíquico que se manifesta nos territórios periféricos; os processos de criação que ocorrem nas frestas desses territórios; e, por fim, as estratégias afro-diaspórica de saúde presentes em um movimento artístico específico que são as denominadas Batalhas de Rima.

Ao final do estudo, concluímos que, apesar de imersa em processos graves exclusão social que geram as mais variadas formas de sofrimento, a juventude periférica constrói, a cada dia, estratégias de vida que encontram ressonâncias artísticas para expandir, pluralizar e potencializar a existência nas encruzilhadas compostas entre dificuldades e conquistas.

¹ Psicóloga formada pela Universidade Estadual de Londrina. Mestranda em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL. E-mail ana.beatriz.francisco@uel.br.

² Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP. Docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: mansano@uel.br

2.DIMENSÕES SOCIOPOLÍTICAS DO SOFRIMENTO NAS PERIFERIAS

Para pensar as possibilidades de saúde e bem-estar da população que habita os territórios periféricos, cabe lançar um olhar a respeito de alguns dos elementos históricos que constituem sua organização. Dada a diversidade de fatores sociais, históricos, étnicos, econômicos, políticos e relacionais que atravessam tais territórios, consideramos, junto com Rufino (2017), que eles configuram uma encruzilhada, ou seja, um ponto de “cruzo” (p. 29) multifacetado. Complexificando essa encruzilhada, podemos ressaltar elementos sociais e históricos significativos como a efervescência dos quilombos ante à empreitada colonial escravocrata que, na atualidade, transmudaram seus contornos, mas continuam deixando suas marcas na organização dos espaços urbanos (CAMPOS, 2010). Outro elemento constituinte desta encruzilhada são as migrações ocorridas em direção às regiões Sul e Sudeste do nosso país, especialmente entre as décadas de 1940 e 1980, juntamente com as políticas de higienização das cidades, que culminaram na marginalização de pessoas negras e pobres ao alocá-las fora dos centros urbanos (PANTA, 2014).

Compreender tais elementos torna-se condição para analisar o adoecimento da população que ocupa os territórios periféricos, considerando que os aspectos geográficos do espaço urbanos parecem implicar em uma avaliação da vida, já que o valor do sujeito passa a depender do lugar que habita (SANTOS, 2012). Desde esse lugar, o sujeito passa também a experimentar o desamparo social, as exclusões e a violência. Em casos como estes, onde se estruturam cenários de violência e opressão, Rosa (2018) aponta que, junto ao desamparo social, tem-se também o que se chama de desamparo discursivo que “lança o sujeito ao silenciamento” (p. 25). É o que se configura quando há a desqualificação do seu discurso, de suas práticas e de suas imagens.

Somado a isso, vale salientar que, como se evidencia na história do desenvolvimento das cidades, o território periférico também contempla em larga medida a história da população negra no país, marcada pelo racismo. Souza (1983) compreende que nas estruturas da sociedade paira o imaginário do cidadão branco

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

enquanto sujeito humanizado e digno de direitos, cabendo ao sujeito negro lutar incessantemente pela conquista de espaços que o integrem à ordem social, passando a conceber a ascensão social como uma espécie de redenção. A autora complementa: “foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco - ainda que tendo que deixar de ser negro - que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente” (p. 21). Evidencia-se assim, na ampla vivência desse sofrimento sociopolítico, advindo da marginalização, não apenas um silenciamento discursivo, mas também subjetivo, uma vez que as características físicas, intelectuais e modos de ser e fazer da população negra, foram histórica e sistematicamente desqualificados. Tal destituição parece ter se tornado algo longínquo e natural na história do nosso país, que nasceu na escravização e se mantém na atualidade.

A este acúmulo vivências marcadas por práticas racistas, Kilomba (2019) denomina de “racismo cotidiano” (p.215), consistindo-se em um “acúmulo de eventos violentos que, ao mesmo tempo, revelam um padrão histórico de abuso racial que envolve não apenas os horrores da violência racista, mas também as memórias coletivas” (p. 215). Estamos diante, então, do que a autora aponta como “trauma colonial” (p. 215), sendo algo que perpassa as vivências e aprendizados de gerações. Este cenário, de formas diversas, encontra-se muito presente nas periferias. Ocorre, entretanto, que as expressões de vida contornam esse sofrimento, valendo-se de invenções, subterfúgios e transmutações, como veremos a seguir.

3. INVENÇÕES NAS FRESTAS DA PERIFERIA

Diante destas realidades, as estratégias de resistência advindas de vida tecidas em contraponto à violência colonial do passado e do presente, aproximam-se do que Rufino (2019) compreende como “invenções nas frestas” (p. 152). Tais invenções colocam em curso movimentos de esquiva e revide, numa tentativa de transgressão e resistência ao colonialismo que podem ser expressas, por exemplo, na capoeira, no jongo, no samba, nas rimas ou no *Hip-hop*. Este enfrentamento mandingueiro, como denomina Rufino (2019), busca caçar nas brechas e encontrar

frestas de possibilidades vitais para superar experiências de opressão e violência, fazendo emergir outras possibilidades de vida.

É importante ressaltar que, como aponta Rufino (2019), no modelo colonial, “mata-te para depois civilizar” (p. 152). Cabe pensar, então, quais são os alvos dessa morte, como por exemplo os corpos de jovens amplamente assassinados nas periferias brasileiras. Mas também se tornam alvos a cultura, os vínculos e a história dessa população. Em contrapartida, o enfrentamento mandingueiro consiste em revidar “no momento certo” (p. 153), apreendendo para si os mais diversos elementos de resistência que fujam dos estratos do poder colonial.

Essa transmutação pelas frestas permite compreender que o cotidiano dos territórios são também espaços vitais de transformações subjetivas e coletivas que, em larga medida pela via da criação, coloca em curso uma arte-política. Embora tais estratégias pareçam invisíveis quando analisadas isoladamente, a sua insistência no tempo e nos territórios lhe dão contornos fortes e significativos (LÉON CEDEÑO, et al., 2017) como veremos na sequência, analisado as Batalhas de Rima.

4. ESTRATÉGIA AFRO-DIASPÓRICA DE SAÚDE: BATALHA DE RIMA EM CENA

São diversas as estratégias de arte-política engendradas nos territórios periféricos. Tais estratégias germinam em em diferentes direções, tomando em consideração, inclusive, as experiências afro-diaspóricas dos negros marginalizados. Isso porque a diáspora africana engloba a história dos descendentes das populações africanas bem como “o rico patrimônio cultural que construíram” (LOPES, 2011, p. 490).

Uma dessas estratégias pode ser encontrada no movimento da cultura *Hip-hop*, cuja gênese se deu em solo jamaicano e se irradiou posteriormente para o Bronx, região guetizada de Nova York (SOUZA, 2011). Neste processo, junto à cultura nascem também seus elementos políticos, tendo como precursor contextos de violência urbana, econômica e racial no Bronx na década de 1970 (D’ALVA, 2014). Havia, ali, um cenário de “ruína urbana” (p. 3) que, com intervenções

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

coletivas de organização de festas de rua, denominadas *block party*, abriram possibilidades de ressignificar tanto o território quanto a vida de seus moradores. Tais festas, de acordo com D'alva (2014), surgem como uma “possibilidade de vida frente à morte planejada a toda uma comunidade de excluídos, um momento único de comunhão” (p.4).

As festas emergiam, então, como estratégia fértil para o surgimento das expressões culturais que viriam a se tornar os elementos do *Hip-hop*, consistindo posteriormente em quatro elementos: os Dj's (*disk jockey*), os *b-boys*, os Mc's (*Master of ceremonies*), e o *graffit*, que inicialmente surgiram com as *tags*, assinaturas feitas com tinta *spray* nos diversos espaços da cidade (D'ALVA, 2014). Por fim, as Batalhas de Rima são organizadas em “forma competitiva de disputa com rimas improvisadas, muitas vezes julgada por um júri popular, onde um MC tenta superar o outro em inteligência, velocidade, fluxo e criatividade” (D'ALVA, 2014, p.40).

Essas práticas artísticas adquirem suas particularidades ao chegar nas periferias brasileiras, no início dos anos 2000, posteriormente à chegada da cultura *Hip-hop* na década de 1990 (CURA, 2017). As primeiras Batalhas que se tem conhecimento tiveram como berço a cidade do Rio de Janeiro, de modo que os moradores da periferia passaram a ocupar, com seus corpos e produções, o centro urbano da cidade no Centro Interativo de Circo (CIC) localizado na denominada Fundação Progresso onde, juntamente com “espetáculos de circo, debates, oficinas, exposições de grafite, entre outras produções culturais livres” (p.2), surgiram a Batalha do Real em 2003 e a Batalha do Conhecimento em 2004 (CURA, 2017).

Ao analisarmos a movimentação coletiva e subjetiva que as Batalhas de Rima proporcionam para a juventude periférica é possível perceber a estreita relação entre os fazeres artístico e político. Ambos abrem canais para outras possibilidades de vida e de saúde, compreendendo esta última como um amplo leque de possibilidades para ressignificação e afirmação da vida (COSTA & BERNARDES, 2012, p. 822).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná

Após este percurso é possível compreender os diversos aspectos históricos presentes na construção de territórios marginalizados, bem como as vivências e atravessamentos que estabelecem conexões significativas para construção de uma existência expansiva. A conexão com as criações artístico-políticas que emergentes nas encruzilhadas dos territórios periféricos deixa entrever a força da apropriação coletiva e subjetiva dos espaços, das relações sociais e da vida. Analisar o acesso ao bem-estar e à saúde mental passa, de acordo com o que levantamos neste estudo, por uma ampla conexão entre a arte e o cotidiano relacional das periferias.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, A. **Do quilombo à favela: a produção do espaço criminalizado no rio de janeiro**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2010.
- LEON CEDEÑO, A. A. L. **Psicología Comunitaria de Lo Cotidiano: Arte y Acción Psicosocial en de Londrina (Brasil)**. Eae editorial académica española, 2012.
- LOPES, N. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora africana**. 4.ed. São Paulo, SP: Selo Negro, 2011.
- COSTA, M. L.; BERNARDES, A. G. Produção de saúde como afirmação de vida. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 4. p. 822-835, 2012.
- CURA, T. F. Tramas do rap: um olhar sobre o movimento das rodas culturais e a questão de gênero nas batalhas de rima e slams de poesia do Rio de Janeiro. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40., 2017, Curitiba, **Anais [...]**. São Paulo: INTERCOM, 2017. p.1-15.
- D'ALVA, R. E. **Teatro Hip-Hop**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2014.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo no cotidiano**. Rio de Janeiro, RJ: cobogó, 2019.
- ROSA, M. D. **A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento**. 2.ed. São Paulo, SP: Escuta, Fapesp, 2018.
- ROSA, M. D. et al. Clínica psicanalítica implicada: Conexões com a cultura, a sociedade e a política. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 22, n.3, p.359-369 2017.
- RUFINO, L. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas**. 2017. (Tese de Doutorado) Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro, RJ: Mórula, 2019.
- SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- SOUZA, A. L. **Letramentos de reexistência**. São Paulo, SP: Parábola, 2011.
- SOUZA, N. S. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1983.

Anais do I Simpósio Internacional Práxis Itinerante e III Seminário Temático do Práxis Itinerante: Diversidades, Pluralidades e Perspectivas em Debate
20 a 22 de agosto de 2024, UEL – Paraná